



OS COMPORTAMENTOS INTERFERENTES DE CRIANÇAS COM DIAGNÓSTICO DE TEA NÍVEL 3 DE SUPORTE E AS INTERVENÇÕES BASEADAS EM EVIDÊNCIAS: uma revisão integrativa

Katia do Rocio Machado da Silva, Eduardo José Legal
Psicologia - Psicologia do Desenvolvimento Humano

O presente estudo apresenta uma revisão integrativa de literatura sobre comportamentos interferentes em crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3 de suporte e das intervenções baseadas em evidências que utilizam o Treinamento de Comunicação Funcional (FTC), ressaltando o papel dos cuidadores no processo de intervenção. Foram realizadas buscas em bases de dados entre os anos de 2020 e 2025, considerando estudos empíricos, teses, dissertações e artigos publicados em inglês, português e espanhol. A amostra final incluiu seis estudos publicados entre 2020 e 2024, majoritariamente nos Estados Unidos e um no Brasil. Os resultados evidenciaram que o Treino de Comunicação Funcional, associado a estratégias da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), favorece a redução de comportamentos interferentes, como agressividade, birras, crises, autolesão, heterolesão, fuga e comportamentos de acesso a itens tangíveis, promovendo a comunicação funcional. As estratégias identificadas foram, o uso de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), estímulos discriminativos naturalísticos e arbitrários, esquemas encadeados de reforço, ensino de operantes verbais e intervenções mediadas por cuidadores, inclusive em formato remoto. Conclui-se que o Treino de Comunicação Funcional associado a estratégias da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e ao envolvimento ativo de pais e cuidadores constitui uma prática baseada em evidências para promover a comunicação funcional em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3 e reduzir os comportamentos interferentes, embora haja limitações metodológicas quanto ao tamanho de amostras e à ausência de ensaios clínicos randomizados, o que demanda investigações futuras mais robustas e representativas.

O Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação e na interação social, incluindo padrões restritos e repetitivos de comportamento. Comprometendo a reciprocidade socioemocional, limitações em compartilhar interesses e afetos, esses prejuízos comprometem o uso de comportamentos verbais e não verbais durante interações sociais. Indivíduos com TEA frequentemente apresentam dificuldade no uso espontâneo de linguagem funcional como gestos, pouco ou nenhum contato visual, linguagem corporal e na expressão de emoções. Tais características dificultam a generalização da comunicação para diferentes ambientes e pessoas, interferindo na qualidade das interações e no desenvolvimento social. Entre os casos que necessitam de maior suporte, classificados como nível 3 pelo DSM-5 TR (APA, 2023), observa-se a necessidade de apoio substancial em todos os domínios do funcionamento, incluindo dificuldades mais complexas de comunicação. Esse contexto possibilita a ocorrência de comportamentos interferentes, como crises de birra, agressividade, autolesão e fuga, que assumem funções de comunicação, mesmo que inadequadas socialmente, diante da ausência de repertório verbal funcional (Simó-Pinatella et al., 2019).

O termo comportamento verbal, segundo Skinner (1957), inclui todas as formas de comunicação, incluindo gestos, linguagem de sinais, troca de figuras, escrita ou vocalizações. A linguagem é comportamento aprendido pelos mesmos tipos de variáveis ambientais que causam o comportamento não verbal: controle de estímulos, operações motivadoras, reforço entre outros (Skinner, 1957). Estudos recentes confirmam que a ausência de comunicação funcional adequada é um dos principais preditores da ocorrência de comportamentos interferentes em TEA (Steenfeldt-Kristensen; Jones; Richards, 2020). De acordo com esses dados, aumenta a necessidade de intervenções precoces que favoreçam a aquisição de repertórios comunicativos alternativos e reduzam os prejuízos comportamentais e sociais.

Os dados mais recentes do Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network indicam que em 2020 uma em cada 36 crianças foi diagnosticada, com prevalência maior em meninos (Maenner et al., 2023). O aumento das taxas de diagnóstico é atribuído a mudanças nos critérios classificatórios, avanços nos processos de triagem precoce e maior conscientização profissional e social (Hansen; Schendel; Parner, 2015). Com esses dados a importância de pesquisas sobre intervenções validadas cientificamente para responder às demandas de crianças e famílias.



24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13ª Mostra Científica de Integração
entre Pós-Graduação e Graduação
3ª Jornada de Tecnologia e Inovação

O impacto dos comportamentos interferentes se estende ao contexto familiar. Pais de crianças com diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) relatam níveis elevados de estresse parental, relacionado às dificuldades de manejo de crises, agressividade ou fuga de tarefas (Barroso et al., 2018; Yorke et al., 2018). Estratégias de capacitação de cuidadores, como o Behavior Skills Training (BST), têm sido eficazes na capacitação de cuidadores de pessoas com diagnóstico TEA e outros casos de desenvolvimento atípico, incluindo Treino de Comunicação Funcional (Ávila, 2022). O envolvimento dos pais/cuidadores foi apontado como essencial, tanto para a manutenção das habilidades adquiridas quanto para a generalização em diferentes contextos (O'Brien et al., 2021).

A revisão integrativa foi conduzida conforme as recomendações de Whitemore e Knafl (2005), seguindo seis etapas: definição da questão de pesquisa, busca em bases de dados, categorização dos estudos, avaliação metodológica, interpretação dos resultados e síntese do conhecimento. Para a formulação da questão norteadora utilizou-se a estratégia PICO (Caldana et al., 2018), com objetivo de investigar as intervenções eficazes para a redução de comportamentos interferentes em crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3. Foram incluídos estudos publicados entre 2015 e 2025 em inglês, português ou espanhol, que apresentassem delineamentos empíricos ou aplicados à prática clínica. Excluíram-se revisões sistemáticas, meta-análises e estudos sem acesso integral. Após triagem de títulos, resumos e leitura integral, seis estudos atenderam aos critérios de inclusão.

Os resultados indicaram a eficácia do Treino de Comunicação Funcional para a redução de comportamentos interferentes e aumento da comunicação funcional em crianças com TEA nível 3. O estudo de Boyle et al. (2021) demonstrou que estímulos discriminativos naturalísticos favorecem maior generalização das habilidades. O guia prático de Ousley e Raulston (2022) apresentou quatro etapas para incorporação da Comunicação Aumentativa e Alternativa ao Treino de Comunicação Funcional, contribuindo para ampliar a comunicação funcional. O'Brien et al. (2021) destacaram a importância dos pais/cuidadores sobre os efeitos generalizados do FTC via treinamento remoto, incluindo redução do estresse parental. Rivera et al. (2023) evidenciaram que o uso de esquemas encadeados de reforço associados ao FTC foi eficaz na redução de comportamentos de fuga em rotinas diárias. Cosottile et al. (2024) sugeriram uma modificação no FTC sem a remoção de itens tangíveis, obtendo reduções significativas de comportamentos interferentes. E Santos e Sardinha (2024) apresentaram uma revisão sistemática sobre o ensino de operantes verbais, confirmando a eficácia de múltiplas estratégias, como tentativas discretas, ensino por múltiplos exemplares e uso de CAA.

A análise conjunta desses estudos indica que o FTC, aliado a práticas de ABA, é eficaz na diminuição de comportamentos interferentes como heteroleção, autoleção, birras e fuga, além de promover comunicação funcional socialmente apropriada. A participação ativa dos pais foi recorrente nas intervenções e associada a maior probabilidade de manutenção e generalização das habilidades aprendidas. A utilização de tecnologias digitais e intervenções remotas mostrou-se viável, favorecendo a adesão familiar. Contudo, limitações metodológicas como amostras reduzidas, ausência de ensaios clínicos randomizados e variabilidade individual nos resultados exigem atenção quanto à generalização.

Conclui-se que o Treinamento de Comunicação Funcional, associado a recursos de Comunicação Aumentativa e Alternativa, esquemas encadeados de reforço, estímulos discriminativos naturalísticos e ensino de operantes verbais, constitui intervenção baseada em evidências eficaz para a redução de comportamentos interferentes em crianças com TEA nível 3 e para a promoção da comunicação funcional. Os resultados reforçam a importância de incluir pais/cuidadores como participantes das intervenções, expandindo as habilidades aprendidas para contextos naturais e a manutenção a longo prazo. Considerando as limitações metodológicas observadas, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem a validade externa com amostras maiores, delineamentos experimentais robustos e avaliações longitudinais, além de explorar a variabilidade individual dos efeitos.

Palavras-chave: Autismo; comportamentos interferentes; comunicação funcional

Referências

ALVES, F. J. et al. Análise comportamental aplicada ao tratamento do autismo: uma revisão sistemática de tecnologias assistivas. IEEE Access, v. 8, p. 118664–118672, 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. Diagnostic and statistical manual of mental disorders.



24º SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

13ª Mostra Científica de Integração
entre Pós-Graduação e Graduação
3ª Jornada de Tecnologia e Inovação

5. ed. Washington: APA, 2013.

ÁVILA, E. M. M. Efeitos do Behavior Skills Training de forma remota em cuidadores de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

BARROSO, N. et al. Parenting stress through the lens of different clinical groups: a systematic review and meta-analysis. *Journal of Abnormal Child Psychology*, v. 46, p. 449-461, 2018.

BOYLE, M. A. et al. Comparison of naturalistic and arbitrary discriminative stimuli during schedule thinning following functional communication training. *Behavioral Interventions*, v. 36, n. 1, p. 3–20, 2021.

CALDANA, G. et al. Instrumentos para avaliação de resultados de programas de melhoria da qualidade: revisão integrativa. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 32, 2018.

COSOTTILE, D. W. et al. Functional communication training without the removal of a tangible item. *Clinical Case Studies*, v. 23, n. 3, p. 201–211, 2024.

HANSEN, S. N.; SCHENDEL, D. E.; PARNER, E. T. Explaining the increase in the prevalence of autism spectrum disorders: the proportion attributable to changes in reporting practices. *JAMA Pediatrics*, v. 169, n. 1, p. 56-62, 2015.

MAENNER, M. J. et al. Prevalence and characteristics of children aged 8 years: Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 sites, United States, 2020. *MMWR Surveillance Summaries*, v. 72, n. 2, 2023.

O'BRIEN, M. J. et al. Parent ratings of generalized and indirect effects of functional communication training for children with autism spectrum disorder. *Behavior Modification*, v. 46, n. 5, p. 971–1001, 2021.

OUSLEY, C. L.; RAULSTON, T. J. A guide to incorporate augmentative and alternative communication into functional communication training. *Intervention in School and Clinic*, v. 58, n. 4, p. 249–256, 2022.

RIVERA, G. et al. Functional communication training and a chained schedule of reinforcement to reduce escape-maintained challenging behavior. *Behavioral Interventions*, v. 38, p. e1972, 2023.

SANTOS, S. M.; SARDINHA, A. P. Ensino do comportamento verbal para crianças com TEA: estratégias para desenvolvimento da comunicação — uma revisão sistemática. *Revista Comunicação Universitária*, v. 4, p. 1–27, 2024.

SIMÓ-PINATELLA, D. et al. Functional communication training: a systematic review and meta-analysis. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 49, p. 131–151, 2019.

SKINNER, B. F. Verbal behavior. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

STEENFELDT-KRISTENSEN, C.; JONES, C. A.; RICHARDS, C. The prevalence of self-injurious behaviour in autism: a meta-analytic study. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 50, p. 3857–3873, 2020.